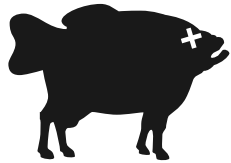


NÃO É CARNE NEM PEIXE





NÃO É CARNE NEM PEIXE



www.naoecarnenempeixe.com.br

Maio 2007.

Textos de Cauê Muraro, Felipe Gutierrez e Juliana. Fotos de Adelaide Ivánova e Felipe Gutierrez. Ilustração de Pacolli. Diagramação de Laura Daviña. Produção gráfica de João Marcelo. Jornalista responsável: Felipe Gutierrez MTB 47.654/SP.

Impresso na ConsultGraph

www.consultgraph.com.br

| | |
|--|----|
| A incrível história da mulher gata | 5 |
| My home is where my heart is | 11 |
| Os estelionatários preferem o McDonald's | 13 |
| Entrevista: Panda Bear | 19 |
| De como ele caiu no mundo de Meu Deus do Céu e do sal grosso | 23 |
| Um michê e uma prostituta respondem o Questionário Proust | 25 |



A incrível história da mulher gata

Felipe Gutierrez



A ex-atriz, que protagonizou uma cena de bestialidade num filme do Zé do Caixão, já foi cafetina, militante sem-teto e candidata a deputada estadual

Quando vai dizer algo sério e pesado, Vânia ri. É um cacoete comum. Como se a risada amenizasse a tristeza e a dor expressas nas palavras. “Já tentei pular do viaduto. Me pegaram quando eu subi na mureta. Também já me joguei na frente de um carro. Dei sorte que o motorista percebeu e desviou, mas eu me espatifei toda, rararará!!”. Frequentemente ela arremata as histórias com uma frase: “É tudo muito complicado”.

Vanilda Ana Plácido, ou Vânia Bonier, ou a Mulher Gata, completou 50 anos em fevereiro. Quase ninguém com quem convive sabe que ela era, nas suas palavras, “modelo, atriz e vedete, estrela do teatro de rebolado e de pornochanchada”.

No fim dos anos 70, Vanilda trabalhava numa revendedora de veículos quando ofereceram a ela um trabalho como modelo. Era para posar para uma revista

masculina da época, cujo nome não se lembra. Ela aceitou. Pouco depois, começou como atriz de teatro que “mostrava e escondia”. Adotou o nome artístico Vânia Bonier. Um dia, um produtor de filmes eróticos foi atrás dela no camarim. Acabou na telona. Seu primeiro papel foi em *O Império das Taras*. “No cinema eu arrebentei. Eu dava vida à cena, eu era atrevida. Curtia cada segundo.”

Vânia diz que atuou em mais de 30 filmes, mas na maioria era apenas figurante. Segundo o site www.imdb.com, ela participou de nove, todos lançados entre 1980 e 1985. São títulos como *Coisas Eróticas*, *Bacanal de Colegiais*, *Nuas no Asfalto* e *Os Insaciáveis*.

Ela sempre cita um filme não erótico em que trabalhou: *Manelão, o Caçador de Orelhas*, do cineasta marginal Ozualdo Candeias. É a história do silencioso matador Manelão, que faz trabalhos para latifundiários. “O Candeias é uma excelente pessoa. Dizem que ele está meio doente. Fui procurá-lo, mas não o encontrei”, diz Vânia.

José Mojica Marins, o Zé do Caixão, dirigiu o maior sucesso de bilheterias de Vânia: *24 Horas de Sexo Explícito*. É nesse que ela fez sexo com um pastor alemão. Na cena, Vânia está de quatro numa cama quando o cachorro vem por trás e a penetra. Com a língua para fora, ele está excitadíssimo, e ela grita bastante.

“Me arrependi. Agi por impulso. O Zé do Caixão me implorou para fazer a cena. Disse que não tinha outra, que era eu mesma. O filme bateu recorde de bilheteria. Hoje, se ele passa por mim, nem me reconhece. Só conheceu na hora que precisava.” Depois de *24 Horas de Sexo Explícito*, Vânia nunca mais fez cinema. “É tudo muito complicado.” Por causa da cena, os parentes em Santa Catarina deixaram de falar com a atriz.

Num canto de seu quarto, Vânia colocou um desses murais de cortiça, onde fotos são presas com tachinhas de ferro. Tem também um cartão antigo, sujo, onde se lê: “Vânia Bonier – 1300 metros quadrados para o seu prazer. Balneário completo, salão de jogos, american bar, restaurante, boite (shows) e suítes (com supervisão médica)”.

Ela fala abertamente do estabelecimento. “Já fiz cinema erótico. Já posei para muita revista masculina. *Status*, *Ele e Ela*... Já fui cafetina. Já rodei muito na vida. Mas nunca rodei bolsinha. Abri a casa de massagem com o dinheiro do cinema e dos trabalhos para revistas. Cheguei a ganhar dinheiro, mas perdi tudo depois de ficar com tuberculose e ir me internar.”

Vânia diz que quando voltou para a rua, foi morar em cortiços e pensões no centro de São Paulo. Trabalhou anos como vendedora ambulante. Vendia latas de refrigerante e água.

No fim dos anos 90 que tentou se matar. Só conseguiu se reequilibrar depois de se engajar entre os sem-teto do centro. Nunca foi uma líder, mas era entusiasmada com o movimento.

Faz pouco tempo que Vânia desmontou seu cômodo no Prestes Maia, a mais famosa ocupação urbana de São Paulo. Ela integrou o grupo dos primeiros sem-teto a chegar ao prédio, em 2002. Logo no início separou seu cantinho no primeiro andar.



Além de ter sido atriz, cafetina e militante sem-teto, Vânia também tentou carreira na política. “Já fui do PV e fui para o PT. E vou para o PL”, enumera. Pelo PT, concorreu a deputada estadual em 2002. Mostra dois santinhos da eleição, nos quais ela é identificada como “Vânia, a mulher gata”. Ela explica que é por causa de uma de suas bandeiras políticas, a defesa dos animais.

Num dos santinhos, ela divide espaço com José Dirceu. Vânia conta que o ex-ministro Chefe da Casa Civil a adora. Na campanha de 2002, diz ela, visitava o diretório do ex-deputado federal e eles conversavam longamente.

A Mulher Gata diz que não se considera uma perdedora nas eleições, apesar de

repetir que em 2002 era uma marinheira de primeira viagem. “Esperava ter poucos votos, mas consegui 5 mil.” Mentira. Do site do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, consta que Vânia, do Partido dos Trabalhadores, número 13054, obteve 410 votos, e ficou em 1.119°. Mesmo assim, pensou em concorrer ao cargo de deputada estadual em 2006 e considera a possibilidade de se candidatar a vereadora no ano que vem.

O Prestes Maia, prédio que Vânia ajudou a ocupar, será devolvido ao proprietário. Para ela, não fez diferença. Há anos que habita um outro imóvel. É um galpão enorme, transformado por ela em casa e comércio – lá funciona seu Brechó Beneficente (sic). Fica no andar térreo de um prédio de quatro andares – tam-

bém invadido, mas sem lideranças ou organização.

A casa-brechó fica com as portas abertas, mas com grades fechadas por dois cadeados. O lugar é imundo. Quantidades absurdas de tranqueiras foram empilhadas por todos os cantos: 60 gorros de Papai Noel encardidos, carcaças de computadores, capas para celulares paleozóicos, rodas enferrujadas de bicicletas e outros objetos que ninguém mais quer.

No espaço, que não tem janelas, ela cria três cachorros que se coçam furiosa e incessantemente com os dentes. O cheiro é nauseante. “Você nem repare que está cheirando. O xixi fica entranhado”, se desculpa. “Passo creolina, mas só uma vez por semana.”



Vânia mora sozinha, e fica sem falar com ninguém por dias. Semanas, até. Os vizinhos a detestam. Querem que ela saia do prédio. Chegaram a agredir numa noite de março do ano passado. Vânia mostra o boletim de ocorrência e um texto em que relata que “um bando de enlouquecidos” arrombou a porta da casa para linchá-la.

Um vizinho contou que, naquela noite, houve um incêndio no prédio. Eles pediram a Vânia que abrisse a porta da casa para que os moradores fugissem para a rua. Ela se recusou, temia ser roubada. Então arrombaram a porta e a espancaram. “O pessoal do prédio é barraqueiro. Mas não vou falar muito porque o leite está azedo”, diz ela. “É tudo muito complicado, você sabe.” Desde esse dia, ela se isolou ainda mais no galpão.

Ozualdo Candeias, o cineasta de *Manelão*, o *Caçador de Orelhas*, realmente estava com graves problemas de saúde. Ele faleceu em fevereiro. Em dezembro, conversamos por telefone. Com dificuldade para falar, disse que não se recordava de Vânia. “Não me lembro nem de quem era o ator principal de *Manelão*. Para recrutar as atrizes, eu via quem estava ali pela Boca do Lixo e botava no filme”, afirmou.

Por meio de sua assessoria de imprensa, José Dirceu falou que em 2002 era o coordenador da campanha e que conversou com muita gente. Ele não se lembra de Vânia. Viu a foto do santinho, mas nem assim se recorda.

O último filme de José Mojica Marins é *48 Horas de Sexo Alucinante*, a continuação de *24 Horas de Sexo Explícito*. Em 2007, ele deve acabar com o jejum de 20 anos e lançar um inédito.

Quando seus produtores souberam que a entrevista era a respeito da cena de bestialidade, responderam que ele não fala mais sobre essa fase de sua filmografia.

Vânia continua com sua rotina, semi-enclausurada no galpão-casa-brechó, envelhecendo junto com as outras coisas que ninguém quer mais.





VÂNIA BONIER
1300m² para seu prazer, Balneário completo, Salão de jogos, American Bar, Restaurante, Beito (Shows) e Suits. (Com Supervisão Médica)

13.054

ZÉ DIRCEU FEDERAL 1313
GENOENO 13
Lula
MERCADANTE 131
Vânia
DEPUTADA ESTADUAL 13054
A mulher gata
Em defesa da humanidade e dos animais



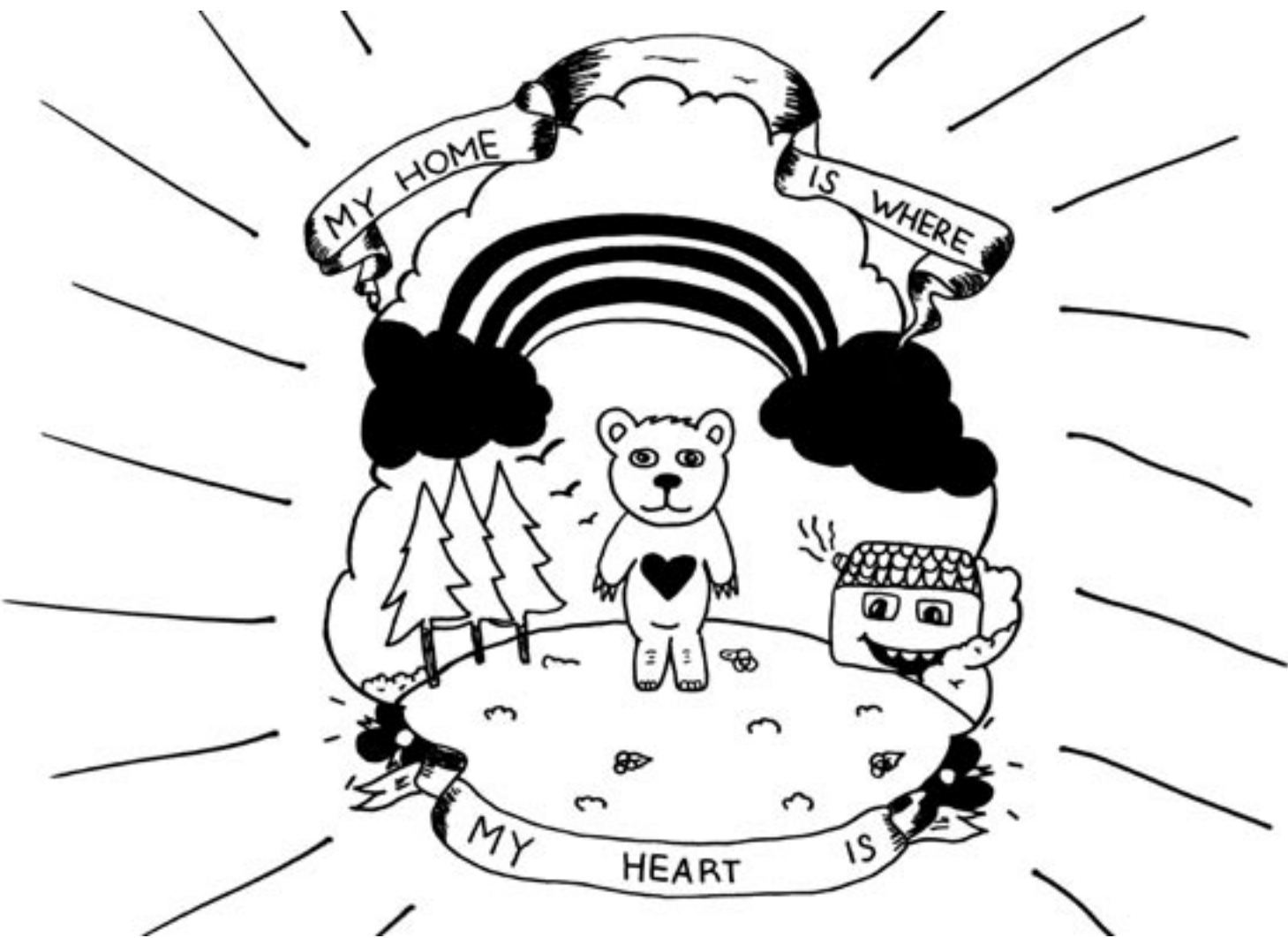
VÂNIA



HER GATA ESTADUAL

os;
os animais;
luida;
seus direitos;
a verdade.





My home is where my heart is

11

Pacolli

Então, foi mais ou menos assim: os caras da 85 Gallery me chamaram pra participar de uma exposição que eles fizeram em dezembro do ano passado.

Rola uma cena bem legal de arte na Antuérpia e uma artista chamada Eva (<http://www.ephameron.com>) viu minhas camisetas na exposição na 85 e me chamou pra participar da Yacob, uma revista de arte que tinha a proposta de arrecadar dinheiro para ajudar o Yacob, amigo da Eva, que estava com visto ilegal na Bélgica e foi preso. (*To help out Yacob and the struggle against asylum camps* - acho que esses *asylum camps* são tipo uma cadeia pra pessoas com alguma situação ilegal no país).

Hoje o Yacob está livre, mas ainda não pode voltar para a Antuérpia, onde estão sua namorada e seus amigos. A revista continua sendo vendida em várias cidades na Europa.

www.myspace.com/yacobmagazine

Lá tem todo mundo que participou

Beijo,

Pacolli

<http://www.flickr.com/photos/pacolli>



Os estelionatários preferem o McDonald's

Cauê Muraro

De início, Márcio cogitou recusar – mas a oferta mostrava-se atraente, ele aceitou: pagaria o serviço em prestações, ele que nunca cultivou o hábito de honrar a prazo os compromissos; a quitação era invariavelmente concluída, garante o próprio Márcio, no ato da compra. Agora, bastava-lhe esperar que o funcionário da autorizada onde o automóvel acabara de ser revisado efetuasse o cadastro e que o sistema aprovasse os dados. Procedimento usual em comércios de toda espécie. Burocracia e somente – formalidade, Márcio pensou consigo. Esteve enganado. “Fiquei surpreso quando ele falou ‘tem uma restrição aqui’, passei por um constrangimento danado. Aí, tive que pagar à vista. Tenho o hábito de comprar tudo à vista”, recorda (e repete) ele quanto ao ocorrido em 3 de outubro de 2005.

A seu respeito, Márcio ignorava alguns fatos. Inteirou-se de súbito: o nome, o *seu*, continha restrição de crédito no Serasa e no SPC. E em pouco tempo ele se veria envolvido num caso de estelionato,

telefonemas suspeitos, amizades feitas “na noite”, telemarketing, tribunal e talvez – neste ponto há versões em conflito e desmentidos – vingança contra um antigo caso de amor gay.

Márcio, 51, dentista, diz não lembrar de ocasião alguma em que se tenha notado presente na lista dos maus pagadores. Ainda na autorizada, soube que carregava uma dívida de R\$ 3.124,47. Dívida de um cartão de crédito que ele nunca viu nem utilizou. Cartão emitido por uma instituição bancária com a qual ele nunca manteve relações formais. Mas ele então tinha o nome sujo: era o caso de “investigar”.

A história começa em abril 2004, quando Antônio, 24 anos à época, recebeu uma proposta de um certo amigo Rodney, então com 20. Se Antônio cogitou recusar, não se sabe – achou por bem aceitar, o trato parecia simples. Operador de telemarketing a serviço do Unibanco, Rodney tinha de vender um número mínimo de cartões. Trata-se da *meta*, vocábulo



popular (e temido) no universo do atendimento. Rodney, então, forneceu a Antônio – fora do horário do expediente, por óbvias razões – os dados de um cliente potencial qualquer, um cliente X, escolhido a esmo numa lista prévia. Nome completo, RG, CPF. Em seguida, ordenou que o amigo-cúmplice aguardasse seu telefonema em dia e horário acertados. Pois Rodney, durante o expediente desta vez, ligou *formalmente* para Antônio – as conversas desse tipo são obrigatoriamente gravadas. Perguntou pelo senhor X, Antônio respondeu ser o próprio e, adiante, confirmou as informações de praxe e disse que sim, que lhe agradaria um bocado *estar adquirindo* um cartão de crédito Unibanco. Falou em nome de X, todo o tempo. Para encerrar a boa ação e auxiliar o amigo, *que precisava atingir a meta*, bastou que Antônio recitasse o seu próprio, e verdadeiro, endereço. (O cartão não poderia, afinal, *estar sendo remetido* para a casa do senhor X, visto que este fatalmente acusaria a fraude.)

O plano saiu conforme o combinado, Antônio recebeu, em sua residência, um novíssimo cartão Unibanco. Em nome de X. Não há certeza, todavia, quanto ao fato de Rodney ter atingido a meta estabelecida. O caso é que o estratagema fraudulento teria conseqüências poucas... desde que o cartão em causa fosse

destruído ou permanecesse intocado dentro da gaveta de Antônio. Não ficou. Ou melhor, ficou. Por poucos meses. Até que Antônio achou por bem desbloqueá-lo. Até que Antônio achou justo *utilizá-lo*: eis uma maneira simples de transformar uma fraude inconseqüente em caso de estelionato. A primeira compra foi realizada num estabelecimento que ao longo dos próximos seis meses se beneficiaria com freqüência da contravenção: o McDonald's recebeu R\$ 23,80 naquele 9 de dezembro de 2004. Mais tarde, mesmo dia, foram consumidos mais R\$ 18,90... noutra loja do McDonald's, como que ratificando a preferência. Dia seguinte, terceiro pagamento com o cartão do próximo: R\$ 26,13 na pizzaria Micheluccio que existia no Shopping Metrô Tatuapé, zona leste paulistana. Nas duas semanas que vieram, o palhaço Ronald recebeu duas novas visitas, e R\$ 35,80. Tinha fome, o estelionatário – e não parecia andar preocupado com as quantidades e a qualidade das calorias que ingeria.

Além do McDonald's e das pizzarias, um ambiente que tinha aparente poder de atração sobre Antônio (e seus acompanhantes possíveis) era o supermercado. As cadeias Extra e Compre Bem faturaram boa quantia. Lojas de roupas e calçados ocuparam lugar de destaque nas faturas. O resto variava, um bom perfume

n'O Boticário, um cartão Tim, miudezas nos Armarinhos Fernando, a conta da padaria, da madeireira, do Playland. A maior *despesa* foi contraída numa certa Dois Cunhados: materiais para construção, R\$ 557,00.

A utilização derradeira do ilícito cartão deu-se numa loja de moda feminina, R\$ 139,00. Era 23 de abril de 2005. E seis meses adiante, em outubro, lá estava o senhor X na autorizada, a descobrir-se freqüentador da lista dos inadimplentes, impossibilitado de pagar à prestação só para variar, ele que foi de quitar *sempre à vista*. Informado de sua condição, Márcio ligou para o Unibanco, o primeiro de tantos e tantos telefonemas. “O que me deixou contrariado foi a maneira como o banco tratou o caso. Colocaram uma série de obstáculos. Escrevi uma carta, mandei vários e-mails, telefonei. Um mês depois, por causa do descaso, fui no [Juizado de] Pequenas Causas, fiz por conta própria: pedi uma declaratória de inexistência de débito e reparação por danos morais.”

Marcou-se a audiência no juizado para dezembro. Audiência infrutífera: o advogado do banco propôs 800 reais de indenização, Márcio não aceitou. O meritíssimo, então, agendou novo encontro formal entre as partes para maio do ano

seguinte. Encontro que não chegou a ocorrer, Márcio recorda: “Antes disso, li-gou um advogado propondo 2 mil reais. Aceitei”. Firmado o acordo, válido legalmente, cancelou-se a ação. Mesmo porque desde dezembro o nome de Márcio já estava limpo na praça.

A reparação dos danos morais e a limpeza de nome não indicam, entretanto, fim de caso. “Logo que falei pela primeira vez com o banco, fui na delegacia fazer o B.O. O delegado falou que eu tinha que ter alguma prova, as faturas. Mas eu não tinha as faturas. Porque não era eu...”. Não era. E, enquanto não chegavam cópias das provas solicitadas ao Unibanco, Márcio partiu em busca de seu *outro eu*. Conta que conseguiu descobrir através do banco – “com muito custo” – o endereço para onde as faturas eram enviadas. Chegou à casa de Antônio com pretensões detetivescas: “de repente era uma fábrica de clonagem de cartões...”. Talvez para sua decepção, quem o recebeu foi uma senhora amigável, nada de homens suspeitos no local. Nem mesmo Antônio estava, explicou a senhora, tia do rapaz. Confirmou que chegavam ali cartas “para um tal de Márcio, amigo do Antônio”. Ela não fazia idéia de que o sobrinho estava em vias de ser denunciado por infração ao artigo 171.

O boletim de ocorrência foi enfim registrado em fevereiro de 2006, quatro meses depois do frustrado pagamento à prestação de Márcio. O banco demorou a remeter as cópias das faturas, ele justificava. Desconfia-se que não haveria demora se o pedido fosse um cartão propriamente dito. Mas agora a polícia entrava em cena, de maneira que Antônio tinha de comparecer à delegacia em 16 de março. Seu depoimento não é exatamente detalhado. Ele fala de Rodney, conta do plano de ambos, da chegada do cartão, da tentativa por usá-lo, e confessa o envolvimento direto. Em sua versão, um dado novo: não apenas ele fizera as compras – o cartão teria ficado ora em seu poder, ora em poder de Rodney. Conclui-se daí que jamais se pode subestimar o McDonald’s, o *fast food* era preferência de ambos.

A investigação policial prosseguiu, e Rodney foi convocado a depor. À exceção do fato de ter conhecido Antônio “na noite” e de haver trabalhado como operador de telemarketing, Rodney negou tudo. Nada de plano, nada de metas a cumprir, nada de Márcio, nada de cartão, nada de supermercados e pizzarias. Nada. E por que Antônio o estaria envolvendo na história? De acordo com o depoimento de Rodney, ambos haviam tido um caso – a palavra que ele usa é esta: *caso* – até o fim de 2005. Supostamente

abandonado, Antônio queria vingança. Uma vingança bastante articulada.

Operadores de telemarketing têm um perfil: são jovens na faixa dos vinte, boa parte no primeiro emprego, com pouca formação escolar. A revista *piauí* de outubro de 2006 traz uma matéria, assinada por Vanessa Barbara, sobre teleatendentes. Um trecho diz o seguinte: “Com 630 mil operadores empregados, o telemarketing é o setor da economia que mais contrata hoje no Brasil. (...) Segundo um relatório do *Global Call Center Industry Project 2005*, pesquisa internacional que no Brasil ficou a cargo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Associação Brasileira de Telesserviços, 74% dos atendentes brasileiros cursaram o ensino médio e 4% têm apenas o ensino fundamental. Do total de teleoperadores, 76% são mulheres”.

Uma advogada que trabalhou entre meados de 2005 e de 2006 numa das maiores teleoperadoras de São Paulo fala que a empresa não raro é vista por esses jovens da mesma forma como eles viam a escola. Ela fala em “perfil adolescente”. Quando cometem seus deslizos, devem imaginar que a punição irá se equivaler a uma advertência, um desconto na média, se tanto. Fraude, estelionato – isto faz parte do *mundo adulto*.

Atuando no departamento jurídico da operadora, ela afirma ter lidado com um sem número de processos de ex-funcionários contra a empresa. Alegavam assédio moral. “Se chegassem dez ações por semana, mais ou menos oito eram pedidos de ações por assédio moral. Os supervisores faziam terrorismo [com os operadores], pressão. É traumático, o operador tem que bater a meta, insistir [com o infeliz do outro lado da linha]. Porque a supervisora ouve as ligações.”

Muitos acabam sendo demitidos por justa causa exatamente por serem pegos cometendo fraude (há incontáveis senhores X...). Para a advogada, as fraudes acontecem em grande parte por causa do tal perfil dos operadores – mas não só. A seu ver, há que se levar em conta outros fatores. A mesma matéria da *piauí* lista alguns ao citar a tese *A regulamentação das condições de trabalho no setor de atendimento no Brasil*, do médico Airton Marinho da Silva: “a pressão temporal exercida sobre os operadores é o principal fator de sobrecargas emocionais e físicas. (...) O monitoramento ostensivo, os baixos salários* e as duras exigências de produtividade tornam a atividade potencialmente lesiva.”

A advogada considera que “se o operador usa o cartão [fraudulento], é por ma-

landragem ou por achar que nada vai acontecer; mas se existe quadrilha...” Quadrilha. A própria advogada chegou a investigar uma que atuava em sua empresa (a investigação foi abortada devido a ameaças). Envolvia operadores, uma supervisora, o superior da supervisora.

Mas ela nunca chegou a ver alguém condenado por cometer fraude dessa espécie.

Nesse sentido, Antônio e Rodney podem representar exceção. Concluídas as investigações policiais, eles foram denunciados pelo Ministério Público. O juiz convocou ambos para uma audiência, acontecida em março de 2007, no Fórum Criminal da Barra Funda. Na ocasião, Rodney voltou a negar participação, declarou não serem verdadeiros os fatos narrados na denúncia. Antônio, por sua vez, diante do meritíssimo, reviu conceitos: disse que só havia envolvido Rodney porque, na delegacia, fora pressionado a dar o nome de *alguém*. Dentre os muitos amigos operadores de telemarketing que tinha, não soube se recordar do nome exato daquele que tinha lhe passado os dados de Márcio – o único nome completo a lhe vir à cabeça foi justo o de Rodney. Mas Antônio assegurou ao juiz que pagou 500 reais referentes aos primeiros gastos com o cartão (e só não pagou mais porque perdeu o con-

trole e o emprego, garantiu). Modesto. A verdade é que ele efetuou o pagamento de quatro faturas (ou pelo menos de parte delas): gastou R\$ 1.835,04 no todo. Se gastou e pagou tudo sozinho, não se pode ter certeza.

Márcio aguarda. Sua audiência está agendada, ele irá ser interrogado pelo juiz na condição de testemunha de acusação. Rodney – que torce para que o veredicto o declare inocente – termina a faculdade no final do ano, estuda no Mackenzie. Antônio cursa graduação na PUC, em carreira relacionada a expressões artísticas. Se de início Márcio acreditou estar sendo usado por uma quadrilha especializada em clonagem de cartões, hoje pensa de outra maneira. Apesar de desconfiado, concorda que não parece tratar-se de sujeitos com perfil de estelionatários – “se é que existe um perfil”, considera. Na audiência, Antônio disse ao juiz que está disposto a ressarcir o prejuízo causado, 3 mil e tantos reais. Desde que o valor seja parcelado. Cumpre investigar a viabilidade de sua proposta: Antônio pode estar na lista dos maus pagadores e não sabe. Basta que haja alguém frequentando McDonald’s, pizzarias e Playlands carregando consigo um fraudulento cartão em seu nome.

*Na capital e Grande São Paulo, 577 reais para mensalistas (seis horas diárias) e 527 reais para comissionados (estes ganham mais se vendem mais), informação do Sintratel (Sindicato dos Trabalhadores em Telemarketing).

As informações presentes neste texto estão todas disponíveis nos autos do processo que se encontra no Fórum Criminal da Barra Funda. A consulta pode ser feita por qualquer pessoa, desde que com as justificativas apresentadas. Pelo fato de o processo em questão estar ainda em andamento enquanto era feita esta matéria, os nomes *Márcio*, *Antônio* e *Rodney* são fictícios, para preservar a real identidade dos envolvidos. O nome da advogada entrevistada foi omitido para atender a pedido feito pela própria.





Panda Bear mora em Lisboa e viu América

Noah Lennox, o Panda Bear da banda Animal Collective, lançou seu terceiro disco solo. Em entrevista, ele revela de quais novelas brasileiras mais gostou e fala do dilema entre fazer música acessível, mas inovadora.

Panda Bear é a alcunha de Noah Lennox, baterista do Animal Collective, um dos grupos mais aclamados pela mídia especializada em música alternativa.

Person Pitch é o terceiro solo dele. O disco tem uma das capas mais legais da história recente. É um desenho de uma jacuzzi cheia de crianças e animais (uma lhama, uns coalas, um gorila, um tigre, um jacaré, uns outros bichos que não conheço direito e, claro, um urso panda).

É um disco legal. Mas é bem difícil. É desses que melhora a cada nova audição. São só sete músicas, algumas delas bastante longas, com mais de dez minutos.

O som lembra *Pet Sounds*, dos Beach Boys. Mas é mais obsessivo. As canções mudam muito. Começam de um jeito e depois tomam um rumo musical diferente. Ele inicia várias faixas sem uma direção certa para de repente tudo se encaixar num som melódico com vocalizações, sem palavras, pequenos coros e ruídos de fundo. Também é muito eletrônico, mas com um ritmo contido, sem bate-estacas.

Há um tempo, Noah trocou Nova Iorque por Lisboa, onde mora com a mulher e o filho. Foi lá que conheceu as novelas brasileiras, das quais se tornou um entusiasta.

Ele respondeu as perguntas por e-mail.

Podemos fazer essa entrevista em Português?

Gostaria de poder falar português suficientemente bem para isso. Mas ainda não cheguei lá. Consigo entender bem quando as pessoas falam, mas só se elas conversam a respeito de coisas triviais e nada muito profundo. Posso facilmente dizer coisas aos motoristas de táxi e pedir comida num restaurante, mas não posso ter nenhuma conversa intensa a respeito de temas esotéricos.

***Person Pitch* não é um disco fácil. É preciso ouvi-lo várias vezes para realmente entendê-lo. Mas, depois de um ponto, a cada nova audição ele parece mais legal. Essa foi a sua intenção?**

Queria que fosse algo divertido de ouvir o maior número de vezes possível. Me

esforcei para fazê-lo soar divertido para mim. Devo dizer que não quis e não quero fazer música que faça com que alguém não se sinta bem-vindo. E que não era minha intenção fazer com que a música fosse difícil de ouvir. Ao mesmo tempo é importante tentar algo novo ao menos para mim, então talvez por isso soe um tanto estrangeiro ou pouco familiar.

É impossível escapar da comparação com os Beach Boys. *Pet Sounds* foi uma grande influência?

Na verdade não, apesar de com certeza ser parte da coisa toda. As maiores influências nas *jams* [para as gravações das músicas] foram dub, e o Luomo, o Dettinger, o Wolfgang Voigt [produtores de *minimal techno* e outros subgêneros de eletrônica que participaram do disco] e os caras da Kompact [selo alemão de música eletrônica].

Frequentemente ouço Animal Collective andando de bicicleta. Você imagina o que as pessoas fazem enquanto ouvem sua música?

Não tenho pensado muito a esse respeito. Espero que elas aproveitem e estejam se divertindo de alguma maneira enquanto ouvem as *jams*. Meu sonho para as canções de *Person Pitch* antes de ele ser feito era que elas fossem tocadas para uma multidão dançando, mas não sei se isso vai acontecer.

Quantas novelas brasileiras você já viu? Qual foi a primeira? E a sua preferida?

Acho que já vi umas cinco ou seis. As primeiras foram *Como uma Onda* e *Senhora do Destino*, e depois disso, *América*, *Alma Gêmea* e *Belíssima*. E agora, *Cobras e Lagartos*. Minhas favorita até agora é *América* e depois, provavelmente, *Cobras e Lagartos*. Mas gosto delas todas, devo dizer.

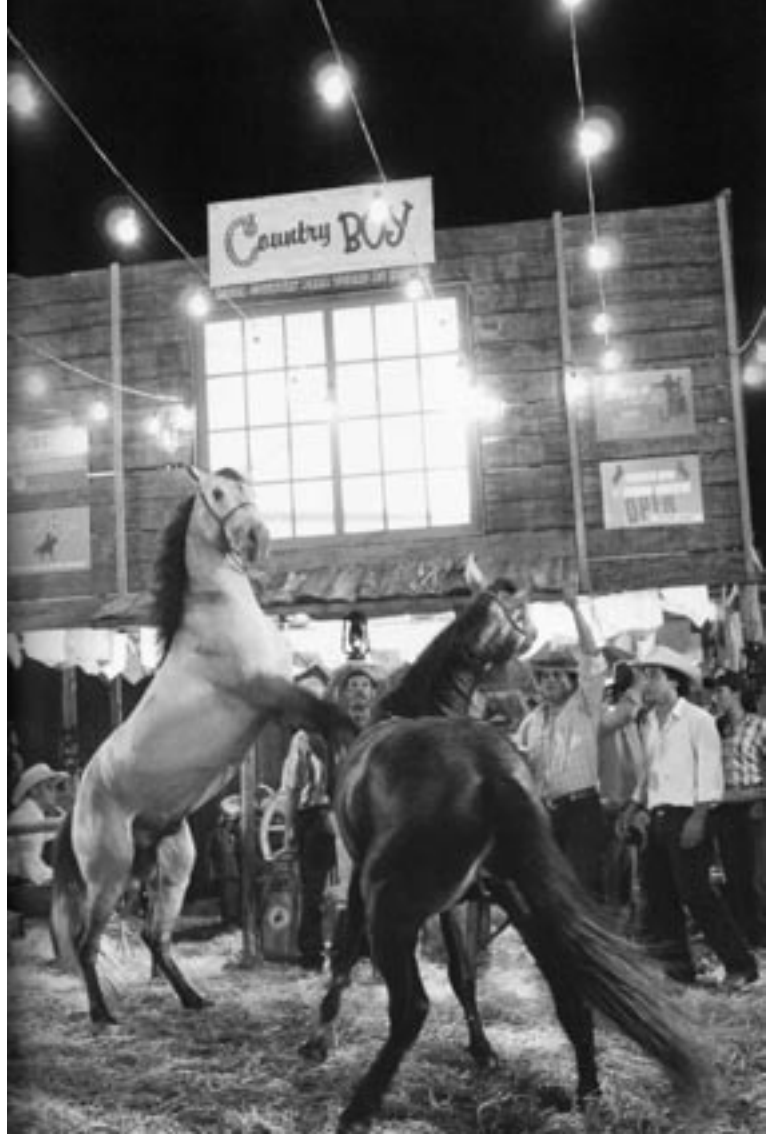
Numa entrevista, você disse que elas eram esquisitas e culturalmente chocantes. De que maneira?

O estilo de atuar, de cara, já é diferente de tudo que eu tinha experimentado antes. Às vezes é realmente intenso e às

vezes é carregado, mas não de uma maneira melodramática. Às vezes elas ficam exageradas ao ponto de parecerem bobas. Mas consigo conceber o surrealismo delas.

Já conhece nomes de atores?

Não. Mas sempre reconheço os atores que estavam em novelas anteriores. E lembro dos papéis antigos deles. Gosto de como os elencos são parecidos e de rostos familiares, como se fossem amigos antigos. Gostava muito do Nikos, de *Belíssima*. E realmente amava a maneira como muitos dos personagens tinham músicas que sempre tocavam quando eles apareciam. A música do Nikos (que era cantada por um senhor grego, eu acho) era muito boa.





De como ele caiu no mundo de Meu Deus do Céu e do sal grosso

Juliana

Nossa, nunca achei que fosse ter tanto pudor. Acho que meus textos não estão acabados. Nenhum. Só fazem sentido para mim. Mas depois que li um escritor japonês que não escreve lé com cré, quem sabe?

Que fim de semana chato, não? Mas valeu pelo Leonílson e pelo filme que assisti com o Dedé. Aliás, você deveria ter visto. Ah sim, já estou terminando o livro do João do Rio, tô adorando, só faltam quatro contos.

Aí vai. Cheio de erros e tudo mais. Quanto ao nome acho que você tem que pensar mais.

É isso. Beijão,

Juliana

Ele se jogou na vida. Na vida de Meu Deus do Céu. Com seu saquinho de cola e sua mochilinha laranja, foi andando pela rua cambaleando e chorando todas as mágoas e chagas. Maldizendo a vida e todos que passavam por ele. A fúria alcançava mortos e vivos. Ninguém escapava.

Após uma eternidade e a apenas um quarteirão do ponto de partida, olhou para o céu e jurou morte prematura. Em sua imaginação, a chuva caía. Qual seria a música mais adequada para este momento? Ó, Deus e sal grosso. Por que tanto abandono? E passando a mão com os cinco dedos bem abertos em seu rosto, a consciência quase recobrada, sentiu o gosto quente e salgado do suor, sentou-se na beira da calçada e permaneceu ali sentado, sorrindo, tendo pensamentos rápidos, doloridos, desconectados da realidade e amargos (mas nem tanto).

Já é hora de recomeçar. Abandonou o saquinho amarelado e foi andando acompanhado do suposto fracasso. O caminho já havia sido feito muitas vezes.

Incontáveis. Mas naquele dia os passos, as casas, as ruas e edifícios não eram familiares. E não por efeito da droga, mas alguma coisa tinha mudado. Caminhando lentamente, deslumbrou-se com a nova descoberta.

Uma descoberta estranha, de uma euforia comedida, algo estranho mesmo, inexplicável. Uma sensação de vida passada a limpo, de coisa viva, uma liberdade incômoda. Tentava sem êxito resgatar o antigo nó que até então o acompanhava, habitava o peito e angustiava.

Será que ele não voltará? Tenho medo. Ele estava aqui. Cadê meu nó? Não saberei viver sem ele. Sempre me declarei um espírito livre, mas eu nunca cheguei perto de ser livre.

Chegou em casa, um pouco confuso. Naquele momento não precisava de ninguém, não sentia falta de uma mão afofando. Não pegou o telefone para ligar para alguém, não relatou os acontecimentos da noite tortuosa. Dormiu tranquilamente.



Vida de puta é agitada!!!!
Ninguém tem idéia de como é corrido o
nosso cotidiano. Mas, como todos dizem,
é melhor você trabalhar naquilo que
gosta, que te dá prazer,
não é mesmo?

Um michê e uma prostituta respondem o Questionário Proust

Qual a sua maior qualidade?

Raquel Quando do Senhor: Sinceridade.
Morel: Sincero.

E o seu maior defeito?

RQS: Muito crítica.
M: Ter uma, como posso te dizer? Tentar levar as coisas corretamente.

A coisa mais importante em um homem?

RQS: Honestidade.
M: Sensitividade.

E em uma mulher?

RQS: Acho que é o caráter.
M: Sensitividade.

O que você mais aprecia nos amigos?

RQS: A fidelidade.
M: Carinho, companheirismo.

Sua atividade preferida é?

RQS: Ir ao cinema.
M: Caminhada.

Qual a sua idéia de felicidade?

RQS: Uma casa, um marido fiel e filhos saudáveis.
M: Ai! Minha idéia de felicidade? Ter uma pessoa, como posso te dizer? Ter uma grana suficiente para manter o padrão de vida.

E qual seria a maior das tragédias?

RQS: Perda de um filho.
M: No momento, seria se eu perdesse alguém da família.

Quem você gostaria de ser, se não fosse você mesmo?

RQS: Minha mãe.
M: Ai, não, não tenho idéia.

E onde gostaria de viver?

RQS: No Canadá.
M: Porto Alegre.

Qual a sua cor preferida?

RQS: Vermelho.
M: Azul.



Sua flor?

RQS: Flor de Açucena.

M: Rosa.

Um pássaro?

RQS: Gaivota.

M: Papagaio.

E seus autores preferidos?

RQS: Gloria Peres.

M: Ai, não sou muito ligado nessa parte não. Como posso te dizer? Não tem nenhum no momento.

E os poetas que mais gosta?

RQS: Não gosto de poemas.

M: Também nenhum no momento.

Quem são seus heróis da ficção?

RQS: Homem-aranha, eu assisto com meu filho de vez em quando.

M: Não sou muito ligado em ficção.

E as heroínas?

RQS: A Helena, da novela *História de Amor*.

M: É, não sou muito ligado nisso.

Seu compositor favorito é?

RQS: Dudu Nobre.

M: Pior que não sou muito ligado nessa parte. Sou pessoa calma, não sou muito ligado nessa parte.

E os artistas que você mais gosta?

RQS: Alcione e Antônio Fagundes.

M: Artista? Não tenho preferência por nenhum.

Quem são suas heroínas da vida real?

RQS: Minha mãe, com certeza.

M: Suzana Vieira.

E quem são seus heróis?

RQS: Meu irmão mais velho.

M: Reinaldo Gianechinni.

Qual é a sua palavra preferida?

RQS: Amor.

M: Paz.

O que você mais detesta?

RQS: Falsidade.

M: Mentira.

Quais são os personagens históricos que você mais despreza?

RQS: D. Pedro, porque dizem que ele descobriu o Brasil, mas os índios já moravam aqui, então ele não descobriu.

M: Como eu posso te dizer? Não sei te dizer.

Quais os dons da natureza você gostaria de ter?

RQS: Pureza, que a natureza é pura.

M: Como posso te dizer isso? Não sei!

Como você gostaria de morrer?

RQS: Dormindo.

M: Acho que isso, assim, não tem nenhuma... se fosse para escolher, ninguém escolheria. Ninguém quer morrer.

Agora, nesse instante, como você está se sentindo?

RQS: Feliz, alegre.

M: Tô sentindo legal.

Que defeito é fácil perdoar?

RQS: Egoísmo.

M: Traição.

Qual é o lema de sua vida?

RQS: Ser feliz.

M: Amar e ser amado.



Ohhh... que bom que você gostou... agora sim eu me sinto uma mulher de verdade... que você gozou rápido...

Seu pedido é uma ordem... pode relaxar que você vai ter mais rola, meu anjo...

NÃO É CARNE NEM PEIXE

